



## 61ª ASSEMBLEIA GERAL

Aparecida – SP, 10 a 19 de abril de 2024

### IV. Missão

O terceiro raio de luz que emana de Cristo e ilumina o rosto e o percurso sinodal da Igreja é a *missão*. Esta luz brilha na natureza comunicadora do Povo de Deus, que não caminha no mundo e na história orientando as suas ações apenas para a própria preservação, mas tem por objetivo servir à presença do Reino e anunciar Cristo a quem não O conhece.

Mais uma vez, ajudam-nos estas palavras do Santo Padre, nas quais retoma algumas passagens da Exortação apostólica *Evangelii gaudium*:

"A terceira palavra é *missão*. Esta salva-nos de nos fecharmos em nós mesmos. Quem se fecha em si mesmo, 'olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência. Circunscreveu os pontos de referência do coração ao horizonte fechado da sua imanência e dos seus interesses e, conseqüentemente, não aprende com os seus pecados nem está verdadeiramente aberto ao perdão. Estes são os dois sinais de uma pessoa fechada: não aprende com os próprios pecados, nem está aberta ao perdão' (*Evangelii gaudium*, 97). Só um coração aberto à missão torna possível que tudo o que fazemos *ad intra* e *ad extra* esteja sempre marcado pela força regeneradora da chamada do Senhor. E a missão inclui sempre a paixão pelos pobres, isto é, pelos 'carentes': aqueles que 'carecem' de qualquer coisa em termos não só materiais, mas também espirituais, afetivos, morais. Quem tem fome de pão e quem tem fome de sentido [para viver] são igualmente pobres. A Igreja é convidada a ir ao encontro de todas as pobreza, sendo chamada a pregar o Evangelho a todos, porque todos nós, de uma forma ou de outra, somos pobres, somos carentes. Mas





também a Igreja vai ao seu encontro, porque se sente carecida deles: falta-nos a sua voz, a sua presença, as suas questões e disputas. A pessoa com coração missionário sente que lhe falta o seu irmão e, com a atitude do mendigo, vai encontrá-lo. A missão torna-nos vulneráveis – é bom a missão tornar-nos vulneráveis –, ajuda-nos a recordar a nossa condição de discípulos e permite-nos descobrir sempre de novo a alegria do Evangelho”<sup>1</sup>.

Mas quais são as dinâmicas da missão? De onde parte? E para onde leva? Qual é o coração da missão? Os elementos abordados pelo Papa neste amplo trecho do seu discurso são variados, não nos sendo possível retomá-los um por um. Todavia podemos centrar a nossa contemplação sobretudo no significado do envio missionário e na atitude hospitaleira da Igreja que daí deriva.

### **1) Como o Pai Me enviou, também Eu vos envio**

Antes de mais nada, a missão é uma iniciativa do Pai. É Ele que envia ao mundo o Filho, que não veio “para julgar o mundo, mas para salvá-lo” (Jo 12, 47). Enviado pelo Pai, Jesus por sua vez envia os seus discípulos. Portanto a missão que Jesus confia aos discípulos remonta à sua raiz última, à fonte e iniciativa divinas: “Como o Pai Me enviou, também Eu vos envio” (Jo 20, 21). Deste modo, a missão da Igreja nada mais é do que a continuação da missão do Filho:

“O envio de Jesus não é um evento fechado no passado, mas permanente: o Filho é continuamente o enviado, o missionário. O envio dos discípulos é o prolongamento, no tempo e no espaço, do envio de Jesus. Por conseguinte, não temos duas missões – a de Jesus e a dos discípulos – mas uma só, embora a segunda – obviamente – seja

---

<sup>1</sup> PAPA FRANCISCO, *Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal*. 23 de dezembro de 2021.





totalmente dependente da primeira. A dependência está contida no mandato 'também Eu vos envio'<sup>2</sup>.

É provável que, subjacente a este envio dos discípulos por parte de Jesus, esteja a antiga instituição jurídica do “enviado” (*gardib*), que não era simplesmente um porta-voz, mas algo mais: trazia em si “algo” de quem o enviava. De fato, no Oriente antigo, um embaixador era um representante tão credenciado e significativo do rei que as honras prestadas à pessoa dele eram como se fossem dirigidas ao próprio monarca que enviara; e, ao contrário, uma eventual recusa do embaixador era como se fosse dirigida à pessoa do rei. O enviado tornava de algum modo presente a pessoa que o enviara. Uma relação semelhante pode ser encontrada nos textos evangélicos do mandato missionário. Com efeito Jesus age com a mesma autoridade do Pai que O enviou, e torna-O presente: “Quem crê em mim não é em mim que crê, mas naquele que me enviou. Quem me vê, vê aquele que me enviou” (Jo 12, 44-45). Por sua vez, os discípulos enviados (ἀπόστολοι) agem com a mesma força e autoridade de Jesus que os enviou, e O tornam presente: “Quem vos recebe, a mim recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou” (Mt 10, 40) e “Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28, 20).

Esta autocompreensão cristológica da missão é imprescindível para a Igreja e constitui também o fundamento da atual releitura sinodal: a Igreja é enviada para prolongar a presença de Cristo no mundo, agir em seu nome e com o seu “poder salvador” (como o definiu Papa Wojtyła<sup>3</sup>). No fundo, sempre foi esta a certeza dos santos; por exemplo, Teresa de Ávila dizia:

«Nós somos os olhos com os quais a sua compaixão olha para os necessitados, somos as mãos que Ele estende para abençoar e curar,

<sup>2</sup> MAGGIONI, B. *Il racconto di Giovanni*. Assis: Cittadella Editrice, 2006, 2010<sup>(2ª ed.)</sup>, p. 365.

<sup>3</sup> JOÃO PAULO II, *Homília de início do pontificado*, 22 de outubro de 1978.





somos os pés de que Ele se serve para ir fazer o bem, e somos os lábios com os quais é proclamado o seu Evangelho».<sup>4</sup>

Não sei se os cristãos batizados e os ministros ordenados (bispos, presbíteros e diáconos) sempre vivem a sua missão na Igreja com plena consciência da presença de Cristo neles próprios. Não se trata aqui de retomar a teologia do padre (e do próprio cristão) entendido como *Alter Christus*, que talvez no passado tenha corrido o risco de sacralizar excessivamente sobretudo a figura do sacerdote. Porém, como nos ensina a teologia do Oriente, testemunhada por exemplo na *Filocalia*, não deve ser esquecida a estima pelos chamados *pneumatóforos*, os “portadores do Espírito”, cristãos nos quais se reconhecia a presença e o próprio poder do Espírito. O impulso inicial da missão deve estar enraizado na grata consciência de que a força não vem de nós mesmos, mas da presença de Cristo e do seu Espírito em nós.

## 2) Todos os batizados, juntos, continuam a obra de Cristo

Este ponto de partida permite articular as várias funções na Igreja de forma harmoniosa dentro de uma única grande tarefa.

Por exemplo, no Quarto Evangelho, a tarefa missionária confiada aos apóstolos é a de perdoar os pecados: como Jesus concedeu o perdão durante a sua missão terrena, assim a comunidade cristã deve continuar a conceder este mesmo dom aos homens e mulheres que encontra. Esta tarefa é dada a todo o grupo dos discípulos. Na verdade, assim ouvimos: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos” (Jo 20, 22-23). Todos os discípulos recebem, colegialmente, o mandato do perdão.

---

<sup>4</sup> Palavras atribuídas a Teresa de Ávila por J. Ratzinger, cf. SEEWALD, P. *Benedetto XVI. Una vita*. Milão: Garzanti, 2020. p. 923.





Em Mt 16, 19 [Mateus dezesseis, dezenove], porém, é só Pedro quem deve perdoar os pecados: “Eu te darei as chaves do Reino do Céus: tudo o que ligares na terra será ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céus”. Ora, não parece necessário selecionar um texto em detrimento do outro. Trata-se, antes, de combinar a tarefa de um (Pedro) com a dos outros Apóstolos, sem necessariamente os contrapor. A sinodalidade implica o papel (necessário) de um “líder”, combinado com o de muitos outros (igualmente necessário): tanto um como o outro são imprescindíveis num contexto de comunhão. Poderíamos dizer que esta diferença entre os textos joanino e mateano permite intuir, *in nuce*, a relação entre o Primado Petrino e o Colégio dos Bispos.

Em todo o caso, o que conta é que a Igreja toda esteja habilitada para continuar a obra reconciliadora de Cristo. Articulada em tarefas e funções diferentes, ela é enviada, no seu conjunto, a continuar no mundo a única obra salvífica de Jesus. Assim nos é dito, por exemplo, na conclusão canônica de Marcos, onde o próprio Senhor continua a agir na comunidade dos crentes confirmando a pregação com a eficácia dos milagres:

“Ide pelo mundo inteiro, e anunciai a Boa Nova a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo. Quem não crer será condenado. Eis os sinais que acompanharão aqueles que crerem: expulsarão demônios em meu nome, falarão novas línguas, se pegarem em serpentes e beberem veneno mortal, não lhes fará mal algum; e quando impuserem as mãos sobre os doentes, estes ficarão curados. Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus. Então, os discípulos foram anunciar a Boa Nova por toda a parte. O Senhor os ajudava (συνεργοῦντος) e confirmava sua palavra pelos sinais que a acompanhavam” (Mc 16, 15-20).

Aqui, diferentemente do final de Mateus (28, 16-20), há um conteúdo soteriológico explícito conexo ao anúncio: o evangelho acolhido ou rejeitado





fará a diferença entre a salvação e a condenação. Tal é o peso da responsabilidade dos anunciadores, que, se por um lado certamente não podem “produzir” a adesão de fé nos ouvintes, por outro têm o dever obrigatório do anúncio a todos, porque está em jogo nada menos que a sua salvação. É evidente o fato de que o mandato do Ressuscitado pressupõe ir além da figura histórica dos primeiros enviados. É necessário que, no curso do tempo, muitos outros venham substituir os apóstolos, partilhando com eles a mesma responsabilidade soteriológica para com toda a humanidade. Trata-se, pois, de uma responsabilidade transmissível. Além disso os milagres e as ações prodigiosas colocam em evidência a transposição do privilégio dos apóstolos para a vida dos fiéis. Poderão continuar a mesma atividade taumatúrgica de Jesus, que lhes assegura assistência e colaboração: “o Senhor cooperava com eles (συνεργοῦντος)” (Mc 16, 20)<sup>5</sup>. Não há qualquer distância entre a comunidade cristã, que atua no meio dos acontecimentos do mundo, e a colocação celeste de Cristo junto de Deus. Antes pelo contrário; quanto mais o Ressuscitado está imerso no mistério de Deus no alto dos céus, tanto mais está agindo em contato íntimo com os fiéis que caminham na história<sup>6</sup>. Também a nós é pedida uma atitude análoga: uma imersão profunda no mistério de Deus para estarmos autenticamente juntos com o nosso povo e, vice-versa, uma real imersão nos acontecimentos do nosso povo para podermos estar verdadeiramente no coração de Deus.

---

<sup>5</sup> Também nos Atos dos Apóstolos, a comunidade cristã continua e repete os mesmos gestos de Cristo: em particular Pedro e Paulo nada mais fazem senão cumprir os milagres realizados por Jesus (por exemplo, cf. At 3, 1-10; 14, 8-11; 9, 36-43; 20, 7-11).

<sup>6</sup> Para as considerações deste parágrafo, cf. MARTIN, A. *Sinodalità. Il fondamento biblico per camminare insieme*. Bréscia: Queriniana, 2021. pp. 122-129.





### 3) Objetivo da missão

Agora, podemos nos perguntar: em que consiste a missão? Quais são os seus objetivos? Não parece que, no cristianismo dos primórdios, houvesse uma ânsia missionária desejosa de converter todos, a todo o custo. O próprio Papa Francisco, citando Papa Bento XVI, declarou em muitas ocasiões que “o anúncio missionário não é proselitismo, mas partilha de um encontro pessoal”. Parece que, nas origens, o anúncio do Evangelho se apresentasse principalmente como a entrada numa comunidade de irmãos e irmãs onde se experimentava a hospitalidade na vida divina. O próprio Batismo era entendido como uma imersão na morte e ressurreição de Cristo (cf. *Rm 6, 3-6*). Nas narrações de vocação, o que Jesus oferecia inicialmente aos primeiros discípulos era a oportunidade de gozar da sua companhia<sup>7</sup>. Portanto, um dos traços principais da missão da Igreja primitiva era o acolhimento de novos irmãos na comunidade, que ia gradualmente crescendo em número (cf. *At 2, 41.47; 4, 4; 5, 14*). Um acolhimento demonstrado na fraternidade, realizada na caridade para com os pobres e celebrada na Eucaristia.

Poderíamos dizer que um dos aspectos mais belos da missão é anunciar que, na Igreja, há lugar para todos, porque ninguém é excluído do coração de Deus, e o dom da sua hospitalidade corresponde perfeitamente à aspiração do homem: “Um dos desejos mais profundos é estar em casa. Necessitamos um lugar onde possamos crescer e sermos nós mesmos”<sup>8</sup>. Embora, infelizmente, a Igreja seja por vezes sentida ou descrita como um lugar onde só há espaço para um grupo seletivo, ou parecida com um clube reservado, onde é difícil entrar e de onde é muito fácil acabar expulso, acreditamos firmemente que ela é e pode tornar-se o lugar onde cada um

<sup>7</sup> Cf. *Mc 3, 14*: “Constituiu então doze, para que ficassem com Ele”; e *Jo 1, 39*: “Ele respondeu: ‘Vinde e vede!’. Foram, viram onde morava e permaneceram com Ele aquele dia”.

<sup>8</sup> RADCLIFFE, T. *Essere cristiani nel XXI secolo. Una spiritualità per il nostro tempo*. Bréscia: Queriniana, 2011. p. 313.





tenha a possibilidade de se sentir desejado e acolhido, onde possa finalmente sentir-se em casa. E, sobretudo, possa sentir-se esperado e acolhido por Deus. Como diz o salmista, “Aos desprezados Deus dá uma casa para morar” (*Sal* 68, 7). Este é um dos desejos de Deus, mas simultaneamente constitui um dos desejos do homem. “A Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa”, recorda-nos o Santo Padre na *Evangelii gaudium*.<sup>9</sup>

Provavelmente uma das muitas páginas bíblicas em que poderíamos encontrar este tipo de hospitalidade é aquela onde Jesus fala da pequena semente que se transforma numa grande árvore.

#### 4) A árvore

“O Reino do Céu é como um grão de mostarda que alguém pegou e semeou no seu campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce, fica maior que as outras hortaliças e torna-se um arbusto, a tal ponto que os pássaros do céu vem fazer ninhos em seus ramos” (*Mt* 13, 31-32).

Nesta parábola, destaca-se o contraste entre um começo tímido, quase insignificante, e o resultado amplo, imprevisível. Esta é a dinâmica do Reino: apresenta-se de forma humilde, mas a sua eficácia supera toda a expectativa.

Entretanto, o grande crescimento da planta não tem em vista, por exemplo, a abundância de frutos nem a beleza da ramagem (apenas para formular algumas hipóteses), mas visa unicamente a capacidade de hospedar os pássaros, oferecendo-lhes um pouso no seu peregrinar. Metáfora aparte, o objetivo desta planta é tornar-se uma “árvore mundial, que oferece

---

<sup>9</sup> PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*, n. 47.





proteção a todos os seres vivos e a todos os povos”<sup>10</sup>. Assim, é legítimo pensar se a Igreja não é precisamente o lugar onde seja possível oferecer e encontrar este tipo de hospitalidade universal e, sobretudo, se ela está realmente a viver um processo que a leve, para além das premissas por vezes muito pobres, a ser autêntica e universalmente hospitaleira. Deste modo, tal parábola do Reino pode receber legitimamente uma interpretação eclesiológica.<sup>11</sup>

Portanto, a finalidade do crescimento é a capacidade de oferecer aquele acolhimento que se descreve como o ninho das aves do céu entre os ramos da árvore (cf. *Mt* 13, 32). Um dos vossos poetas afirma: “Homem? É coisa que treme” (João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*). Todo o ser humano precisa de alguém que o acolha e, com o seu próprio calor, o ajude a deixar de tremer de frio ou de medo. A grande vocação da comunidade cristã é oferecer-se como o lugar de refúgio para todos, como antídoto à solidão e ao isolamento que muitas vezes afligem as pessoas. É claro que o dom da hospitalidade exige colocar no centro da comunidade cristã as dinâmicas de comunhão, as competências relacionais, a capacidade de criar encontros fraternos; a hospitalidade requer práticas que, justamente, definimos como “sinodais”.

Temos aqui um detalhe linguístico verdadeiramente precioso. O verbo que é traduzido por “fazer o ninho”<sup>12</sup>, no original, é κατασκηνώω, que significa literalmente “montar a tenda”. A raiz verbal -σκν, além de recordar a *Shekinah* da Tenda do Encontro, recorda *Jo* 1, 14, onde se afirma que o *Lógos* “colocou a sua tenda” entre os homens (ἔσκηνωσεν). O verbo é o mesmo: σκηνώω. Cria-se assim um vínculo singular entre os textos: o Verbo vem habitar no meio dos

<sup>10</sup> GNILKA, J. *Il Vangelo di Matteo. Parte prima*. Bréscia: Paideia Editrice, 1990, p. 718. A referência a *Ez* 17, 22-23 e *Dan* 4, 17-20 nos permite compreender a imagem da árvore em sentido universal: o acolhimento estende-se a todos os povos.

<sup>11</sup> Para as interpretações eclesiológicas da parábola, ver Luz, U. *Matteo 2*, Bréscia: Paideia Editrice, 2010, pp. 414-415.

<sup>12</sup> Pude consultar diversas traduções portuguesas e espanholas: «anidan en sus ramas», «vêm aninhar-se nos seus ramos», «se aninham nos seus ramos», «hacen nidos en sus ramas», «a fer niu a les seves branques» (esta última, em catalão).





homens, isto é, “montou a sua tenda” entre nós, para que também nós, homens, pudéssemos montar a nossa tenda n'Ele. Este recíproco habitar de Cristo em nós, e de nós n'Ele, realiza-se graças à mediação eclesial.

Obviamente para os pássaros do céu, acampar entre os ramos coincide concretamente com a construção de um ninho, mas oferecer e receber acolhimento nos ramos da grande “árvore” da Igreja cria a oportunidade para um ingresso na própria hospitalidade de Deus: de fato, na cultura semítica, a hospitalidade é vivida como algo sagrado, muito provavelmente porque sempre se percebeu que o próprio Deus está de alguma forma envolvido nela<sup>13</sup>.

## 5) Implicações eclesiais

Desta interpretação eclesial da imagem da árvore podem surgir algumas sugestões concretas para a vida das nossas comunidades e também para nós pessoalmente.

Em primeiro lugar, esta metáfora imediatamente nos traz ao pensamento a extensão imensa, preciosa e extremamente frágil da Floresta Amazônica, que é fonte de vida necessária para alguns e, ao mesmo tempo, objeto de despótica e violenta avidez para outros. Na Exortação pós-sinodal *Querida Amazônia*, o Santo Padre, deplorando a exploração dos recursos e as perseguições às populações locais, retoma alguns versos de Ana Varela Tafur (“Timareo” em *Lo que no veo en visiones*): “São muitas as árvores onde morou a tortura, e vastas as florestas compradas entre mil mortes”<sup>14</sup>. As árvores, que constituem a prova da fecundidade luxuriante da floresta, tornaram-se infelizmente portadoras mudas de feridas sacrílegas, estigmas quase

---

<sup>13</sup> Para o conceito de hospitalidade na Igreja, ver REPOLE, R. *La Chiesa e il suo dono. La missione fra teologia ed ecclesologia*. Bréscia: Queriniana, 2019. Em particular, os parágrafos “La Chiesa come ospitalità degli uomini in Cristo. L'effetto del dono” (pp. 249-255) e “Ospiti di e in Cristo, ovvero ‘di casa’ con Dio” (pp. 271-272).

<sup>14</sup> PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Querida Amazônia*, n. 9.





modernos gravados tanto no corpo da natureza como no corpo de Cristo. Na verdade, tanto os animais como os seres humanos sofrem com a devastação das florestas amazônicas. A árvore, em todo o caso, deve continuar a ser realidade e símbolo de vida, para que, juntamente com os outros elementos da floresta, garanta o contexto que preserva todos os seres vivos.

Conceber a Igreja como uma grande árvore poderia ajudar-nos a imaginar as nossas comunidades como um abrigo onde as pessoas cansadas vêm refugiar-se, experimentando o dom da companhia para restaurar as suas forças e “retomar o voo”. É certo de que se trata apenas de uma metáfora, mas pode ser evocativa e convidativa. Afinal, em um contexto cultural individualista e competitivo, encontrar um pouco de refrigério, experimentar o calor de um lugar seguro (recorde-se a imagem do ninho) e receber um acolhimento cordial poderia ser um modo eficaz de viver hoje a missão. É um serviço precioso que as nossas comunidades cristãs já estão a implementar com grande generosidade, garantindo assim uma experiência humana e espiritual ao alcance de quem a desejar.

Além disso, a menção da construção do ninho faz-me lembrar o uso singular e muito curioso que faz disso Inácio de Loyola nos seus exercícios. Vale a pena referir. Ao falar sobre as diferentes causas pelas quais às vezes estamos desolados, alerta-nos para o perigo de “fazer o ninho” no lugar errado:

“A terceira [causa da desolação serve] para nos dar verdadeira informação e conhecimento, com que sintamos internamente que não depende de nós fazer vir ou conservar devoção grande, amor intenso, lágrimas nem nenhuma outra consolação espiritual, mas que tudo é dom e graça de Deus nosso Senhor. E para que não façamos ninho em propriedade alheia, elevando o nosso entendimento a alguma soberba





ou vanglória, atribuindo a nós a devoção ou as outras formas de consolação espiritual”<sup>15</sup>.

A meu ver, esta admoestação é de uma atualidade surpreendente. Em primeiro lugar, para nós mesmos. Perguntemo-nos: permanecemos sólidos e firmes na fé, inabaláveis na esperança do Evangelho, enraizados e edificados em Cristo Jesus (cf. Col 1, 23; 2, 7), ou procuramos consolações, certezas e ideologias em outro lugar? Além disso, sabemos bem todo o cansaço que encontramos na evangelização: de quanto elemento “vazio e enganador, fundado na tradição humana” (Col 2, 8) são vítima alguns dos nossos cristãos, que abandonam a comunidade em favor de outras afiliações? Vemos assim aflorar em toda a sua premência a questão: onde *fazemos o nosso ninho*? Fazemo-lo realmente na árvore grande (e talvez um pouco alquebrada) da Igreja, ou refugiamo-nos entre ramos apodrecidos que não estão enxertados na Tradição e espiritualidade cristãs? Algumas desolações tornam-se ocasião para um autêntico exame de consciência, para verificar precisamente onde está, de fato, o nosso coração, onde encontrou o seu ninho.

E voltando à longa citação referida ao início, no discurso do Papa sobre a missão, ouvimos que ele falava dos “carentes”. Trata-se dos pobres, privados de bens materiais e espirituais, que por isso “*carecem de vários meios*”, mas ao mesmo tempo “*sentimo-nos necessitados deles*”, porque percebemos que a sua ausência é um empobrecimento para a Igreja. A Igreja é chamada a ocupar-se de todas as pobreza e simultaneamente deve reconhecer o enorme potencial dos próprios pobres, de que as comunidades cristãs necessitam. Na Exortação *Querida Amazônia*, o Santo Padre, falando das populações autóctones, disse palavras que se aplicam a todos os pobres do mundo:

---

<sup>15</sup> INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios*, 322.





“Não são apenas um interlocutor que é preciso convencer, nem mais um que está sentado à mesa de iguais. Mas são os principais interlocutores, dos quais primeiro devemos aprender, a quem temos de escutar por um dever de justiça e a quem devemos pedir autorização para poder apresentar as nossas propostas. A sua palavra, as suas esperanças, os seus receios deveriam ser a voz mais forte em qualquer mesa de diálogo sobre a Amazônia [...] O diálogo não deve se limitar a privilegiar a opção preferencial pela defesa dos pobres, marginalizados e excluídos, mas há de também respeitá-los como protagonistas”<sup>16</sup>.

Recordemo-nos de que o primeiro excluído, o primeiro “descartado” foi Cristo, mas foi precisamente deste modo que Se tornou pedra angular, absolutamente necessária para a edificação da Igreja. Uma Igreja sinodal vai ao encontro dos pobres e, ao mesmo tempo, caminha com eles, escuta as suas histórias e deixa-se converter pela dimensão evangélica da sua pobreza. E as suas dioceses já estão a fazer muito neste sentido: por isso devemos sinceramente louvar a Deus, que nos proporciona o dom de tantas estruturas e, sobretudo, de tantas pessoas que se dedicam, com generosidade comovedora, ao cuidado das múltiplas formas de pobreza presentes neste grande país. E devemos pedir a Deus que nos conceda uma conversão constante aos pobres por parte de todas as nossas comunidades eclesiais.

## **6) Atitude “sinodal” proposta: o acolhimento**

A este respeito a imagem da árvore, no texto de Mateus, é explícita. Pensemos no que significa uma árvore em meio a uma terra desolada ou em um oásis no deserto: ela oferece abrigo aos viajantes e é lugar de encontros, intercâmbios e diálogos. Na África e em outras partes do mundo, a grande

---

<sup>16</sup> PAPA FRANCISCO, Querida Amazónia, nn. 26.27.





árvore é um lugar com forte simbolismo: lá se reúne a comunidade e celebra o culto.

Encontrar abrigo nos ramos de uma árvore é precisamente a sensação de um acolhimento cordial, oferecido, porém, em plena liberdade: ninguém fica retido, todos podem sair e voltar livremente, recebendo a ajuda e o encorajamento de que necessitam. Devemos estar vigilantes, porque o desejo de reter as pessoas e encadeá-las a nós sempre habita nos nossos corações. Em vez disso, devemos promover a liberdade de cada um: todos devem poder, em um determinado momento da vida, “levantar voo”. Pensemos na perspicácia apuradíssima com que os jovens percebem se queremos de alguma forma mantê-los dentro do nosso redil ou se os ajudamos a viver autenticamente a liberdade. Um jovem seminarista da Região italiana do Vêneto, de onde provenho eu também, disse que a sua geração deve poder “realizar os próprios sonhos e não os da geração anterior”, implementando assim um verdadeiro protagonismo eclesial. Os jovens devem poder dar-se conta de que, na comunidade cristã, a sua liberdade é valorizada e que o Evangelho de Jesus os ajuda a expressá-la em plenitude.

Nas encruzilhadas atravessadas freneticamente pelos homens e mulheres do nosso tempo, a Igreja poderia oferecer experiências de verdadeira hospitalidade, que ajudem a superar o isolamento e a solidão. Disse Dietrich Bonhoeffer: “A Igreja é a comunhão dos santos, daqueles que Deus libertou da solidão, daqueles que pertencem uns aos outros”. Neste sentido, a “comunhão dos santos” permite-nos compreender o acolhimento também em sentido transcendente: a Igreja não é uma ONG, uma organização sem fins lucrativos, mas é “mistério”, campo onde os fiéis acolhem e oferecem a própria hospitalidade de Deus, que se concretiza na celebração dos mistérios divinos e no exercício da caridade.





Além disso, num tempo em que os cristãos vivem uma crise de credibilidade e de exculturação no que diz respeito à mentalidade corrente<sup>17</sup>, a gratuidade de um dom deste tipo poderia criar espaços inéditos de encontro e novas ocasiões de anúncio. Uma de vossas poetisas escreveu:

“Não sei... Se a vida é curta ou longa demais pra nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove” (Cora Coralina).

Obviamente criar espaços de hospitalidade requer uma abordagem não ingênua, porque devemos dotar-nos não só de estruturas adequadas, mas também de cristãos motivados e competentes, capazes de calor humano e de escuta dos sofrimentos alheios. Simone Weil dizia: “A plenitude do amor ao próximo reside simplesmente em ser capaz de lhe perguntar: ‘Qual é o teu tormento?’”<sup>18</sup>. Evidentemente não é preciso começar do zero, porque já se está a fazer muita coisa (penso, por exemplo, no grande trabalho realizado com os meninos de rua), mas se a Igreja conseguisse entregar-se inteiramente desta forma, talvez cessassem algumas acusações lançadas contra ela. No fundo, a menção do “ninho” que os pássaros vêm colocar entre os ramos apenas confirma e aprofunda a ideia de uma Igreja hospitaleira, que se concretiza no dom da proteção, da companhia afetuosa e do cuidado das pessoas expostas à violência.

O Concílio de Niceia (325) é conhecido por ter combatido o arianismo, declarando a consubstancialidade do Filho e do Pai. No cânone 75, o Concílio estabelece o seguinte:

---

<sup>17</sup> Cf. THEOBALD, C. *Mística della fraternità. Lo stile nuovo della Chiesa e della teologia nei documenti programmatici del pontificato*, in: *Il Regno, Attualità*, n. 9/2015, p. 587.

<sup>18</sup> WEIL, S. *Attesa di Dio*, p. 83.





“Em cada cidade, sejam instituídos edifícios próprios para estrangeiros, pobres e doentes; estes edifícios costumam receber o nome de casa de acolhimento ou estalagem para os hóspedes. O bispo nomeie um homem escolhido entre os monges que vivem no deserto e seja estrangeiro, vindo duma terra distante, longe dos seus parentes, que tenha dado bom testemunho de si mesmo e seja de notória honestidade [...] Com isso, são perdoados grandes pecados, são expiadas as culpas e sobretudo aproximamo-nos de Deus”<sup>19</sup>.

Note-se, por um lado, a acentuação da honestidade do monge encarregado (hoje diríamos o “diretor da Caritas diocesana”), garantindo-lhe o distanciamento de parentes demasiado “interessados” e enredados nas suas atividades caritativas, e, por outro, a declarada motivação espiritual: o acolhimento dos pobres obtém o perdão dos pecados e a proximidade de Deus. Portanto a ação caritativa não pode ser confundida com a filantropia, mas brota duma autocompreensão teológico-sacramental da Igreja.

Não esqueçamos que, na hospitalidade, se realiza a reciprocidade de um dom: quem acolhe, dá algo, mas também recebe; com efeito, o hóspede é sempre o portador de novidade. E, nesta reciprocidade, ambos fazem a experiência de ser acolhidos na hospitalidade de Deus em Cristo. “Perseverai no amor fraterno – exorta-nos a Carta aos Hebreus –. Não descuideis da hospitalidade; pois, graças a ela, alguns hospedaram anjos, sem o perceber” (Hb 13, 1-2).

Realmente, este terceiro raio de luz, que é a atividade missionária, não pode ser empreendido como tarefa individual, mas deve ser vivido “em conjunto”, como luz que provem de Cristo, que faz brilhar o rosto da Igreja e ilumina o seu caminho sinodal.

---

<sup>19</sup> Cf. CREMASCHI, L. (ed.), *Non dimenticate l'ospitalità'. Antologia dei Padri della Chiesa*. Cinisello Balsamo: Edizioni Paoline, 2022. p. 66.





### **Apêndice: para continuar na reflexão, com o Papa Francisco**

“Quantas vezes concebemos a missão com base em projetos ou programas. Quantas vezes idealizamos a evangelização inspirando-nos em milhares de estratégias, táticas, manobras, truques, procurando fazer com que as pessoas se convertam com base nos nossos argumentos. Hoje o Senhor diz-nos muito claramente: na lógica do Evangelho, não se convence com os argumentos, as estratégias, as táticas, mas simplesmente aprendendo a alojar, a hospedar. A Igreja é uma mãe de coração aberto que sabe acolher, receber, especialmente a quem precisa de maior cuidado, que está em maior dificuldade. A Igreja, como a queria Jesus, é a casa da hospitalidade. E quanto bem podemos fazer, se nos animarmos a aprender esta linguagem de hospitalidade, esta linguagem de receber, de acolher! Quantas feridas, quanto desespero se pode curar numa casa onde alguém se sente bem-vindo! Para isso, é preciso ter as portas abertas, sobretudo as portas do coração. Praticar a hospitalidade com o faminto, o sedento, o forasteiro, o nu, o enfermo, o encarcerado (cf. *Mt 25, 34-37*), com o leproso, o parálítico. A hospitalidade com aquele que não pensa como nós, com a pessoa que não tem fé ou a perdeu. E, às vezes, por nossa culpa. Hospitalidade com o perseguido, o desempregado. A hospitalidade com as culturas diferentes, de que esta terra paraguaia é tão rica. A hospitalidade com o pecador, porque cada um de nós também o é”<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> PAPA FRANCISCO, *Homília na Santa Missa celebrada em Assunção (Paraguai)*, 12 de julho de 2015.

